

3. FREI MODESTINO OECHTERING

Encontrei, na Província Imaculada Conceição do Brasil em São Paulo, a biografia escrita por frei Francisco Salésio Brinkmann e frei Sebaldo Floetgen, sobre a vida de frei Modestino Oechtering, OFM¹.

A nós, Irmãs Catequistas Franciscanas, interessa saber sobre esse Frei, porque ele é o autor da idéia de colocar mulheres como professoras nas Escolas Paroquiais em 1913. Sabia ele o valor do trabalho feminino, onde a base de tudo é o amor, a sensibilidade e o carinho materno. “As inspirações são o idioma mudo de Deus, a expressão mais bonita do amor divino”. (BV. Filippo Smaldone)

Frei Polycarpo Schuhen, nosso fundador, inspirado pelo Espírito Santo colocou em prática a idéia de Frei Modestino Oechtering, assim surgiu nossa Congregação, cujo carisma é a Educação e a Catequese. Diz a biografia de Frei Modestino que dominava em sua vida o pensamento: “Tudo posso realizar n’Aquele que me conforta”. Vem desta filosofia a ousadia de Frei Modestino em expressar suas ideias, fossem elas aceitas ou não. Homem de fé inabalável, inteligente, forte, bom.

Frei Modestino Oechtering era um homem austero e ao mesmo tempo doce, afável, compreensivo e gentil. Amabile Avosani, que trabalhou com ele em Apiúna, deve ter moldado um pouco seu caráter com as atitudes dele, porque, se ele era um homem dinâmico, enérgico, exigente consigo e com os outros e dava-se totalmente ao próximo, não menos era Irmã

¹ Ordem dos Frades Menores.

Amábile Avosani. Que o diga quem a conheceu. Mulher de piedade sólida e profunda, seguia o exemplo de Frei Modestino que, como coadjutor elogiava seu trabalho e sua vida de mulher de fé madura e serviçal.

D. Gregório Warmeling, bispo de Joinville gostava muito de Frei Modestino. Dizia: *“É um homem ativo e piedoso. É um verdadeiro Frade”*.

3.1 BIOGRAFIA DE FREI MODESTINO OECHTERING

Julius, filho de Anton Oechtering e de Lucie Otte, nasceu em Doerenthe, Diocese de Muenster na Alemanha, em 12 de fevereiro de 1879. Faleceu em 25 de julho de 1962. Ingressou na Ordem Franciscana em Harreveld, Província da Saxônia, em 15 de agosto de 1896.

Como simples professor veio ao Brasil, aqui chegando a 4 de agosto de 1900. Em Petrópolis fez sua entrega definitiva e total a Nosso Senhor, pela profissão solene, aos quatro de setembro de 1900.



Frei Modestino em 1913

Frei Modestino prosseguiu seus estudos, sendo ordenado sacerdote por D. José Camargo de Barros, em Blumenau, aos 21 de setembro de 1902. Em janeiro de 1904, foi aprovado

para a cura d'almas. (expressão da época para a vida apostólica).

Desde então passou quase toda sua vida apostólica, no Sul da Província: Rodeio, Gaspar, Blumenau, Curitiba, Barro, Florianópolis, Canoinhas, Forquilha, contaram com ele em seu quadro pessoal. Em alguns desses lugares voltou mais de uma vez. Em 1932, acumulava os cargos de Guardiã, Pároco e Reitor do Colégio em Blumenau. No Capítulo de 14 de agosto de 1934, foi eleito Definidor da Província, continuando em Blumenau, como vigário do Convento e Pároco.

Em 1939 tornou-se Guardiã em Florianópolis. Durante a Segunda Guerra Mundial, com as mudanças causadas pela política nacional, esteve agregado à casa de Forquilha. Dessa data, ao que parece, começou seu labor missionário.

Foi ainda Superior em Três Arroios (1948) e trabalhou em outras Casas da Terra Barriga-Verde. Em 20 de janeiro de 1959, aos 80 anos de idade, recebeu sua última transferência, para São Francisco do Sul.

O santinho impresso *"in memoriam"*, em sua terra natal, bem mostra o caráter de Frei Modestino: "Sua personalidade formou-se pelas forças e energias que emanavam de sua profunda fé, na oração contínua e, de modo especial, do terno amor a Nossa Senhora. Em sua vida dominava o pensamento: "Tudo posso realizar n'Aquele que me conforta".



Pelo amor à evangelização, lançava-se nas tarefas que lhe eram confiadas. A ele se aplicam as palavras do ofício do Seráfico Pai: "No zelo pela glória de Deus, não procurava a si mesmo, mas queria ser útil a todos".

Para compreender o caráter de Frei Modestino, seria necessário observar os contrastes dentro de sua personalidade: “*extrema se tangunt*”! Unindo as realidades exteriores, isto é, o que aparece à primeira vista, com os valores internos que brotavam do íntimo, teríamos um retrato perfeito do falecido confrade.

Frei Modestino era conhecido pelos confrades por Dr. Klotz. Realmente era de uma “casca dura” e não usava de muita cerimônia quando falava com os outros. O que ele pensava também dizia. Era de uma sinceridade única.

Na rudeza exterior, percebia-se a simplicidade latente e mesmo uma comovedora bondade para com o próximo. Isto pode exemplificar “data vênia” relatando o primeiro encontro do Exmo. e Revmo. Sr. Dom Frei Felício da Cunha Vasconcelo com Frei Modestino. “Padre Cesar, como candidato à Ordem Franciscana, chega a nossa Residência em Florianópolis e é recebido pelo Padre Frei Modestino:

- Que deseja?

- Estou a caminho de Rodeio para receber o hábito e tornar-me Franciscano.

- Qual o quê!...é sempre assim...ficam uns meses e logo vão embora de novo!...

Meu Deus pensou Padre Cesar, que choque! É a primeira prova de humildade para mim”.

Entrou... Umas horas depois, já havia mudado completamente a impressão que tivera de Frei Modestino. Mais tarde dizia: “*Nunca imaginei que, debaixo desta exterior casca dura, houvesse tanta compreensão, tanta amabilidade e gentileza. Fazia tudo para mim!*”.

Assim também se dava durante sua vida missionária. No começo afastava o povo, mas não demorava que lhe dessem toda a atenção, o povo logo percebia que ele os compreendia e fazia tudo para o seu bem. Sua alma sacerdotal sempre se revelava plena.

À rudeza exterior juntava a coragem. Era um destemido evangelizador. Atacava sem temor o vício, tinha verdadeiro ódio ao pecado. Ao pecador mostrava seu amor pastoral e com ele conversava com toda naturalidade. Dizia-lhes francamente as verdades mais tremendas.

Em São Francisco do Sul, Frei Modestino gozava da simpatia dos marinheiros. Ia diariamente de lambreta ao cais. A primeira pergunta que dirigia aos comandantes era: “Há doentes a bordo?” Nunca voltava para casa sem ter dado bons conselhos aos marinheiros e aos oficiais. Quando eram casados, apontava com gesto enérgico, para a aliança que traziam no dedo.

Certo dia a polícia tinha prendido umas mulheres de vida fácil, que haviam subido clandestinamente a um navio. Frei Modestino foi logo visitá-las na cadeia e fez-lhe um sermão, *daqueles* pelos quais era conhecido, sobre o inferno.

D. Gregório Warmeling, muito admirava a Frei Modestino. Costumava dizer: *“É pena que ele seja tão velho e surdo, senão eu o levaria comigo para as minhas visitas pastorais, pois ele é ainda um dos antigos: ativo e piedoso. É um verdadeiro Frade”*.

Era destemido e, no entanto, dava ao mesmo tempo provas de medo. Procurava com vigilância, livrar-se de perigos, ameaças e intrigas alheias. Coragem e certo temor lhe guiavam os passos. Naturalmente, não conseguia afastar de si os perigos e as reações dos outros ao seu temperamento.

Em Rio dos Cedros, colocaram-lhe uma bomba debaixo da cama. A explosão fez com que batesse no teto e depois uma queda violenta no chão. Não sofreu nenhum ferimento. Estavam na residência, nesse dia Frei Modestino e Frei Polycarpo, no dia seguinte iriam celebrar a Primeira Comunhão de muitas crianças. Filhos de colonos devotos. Vale lembrar que nessa época o Brasil passava por sérios conflitos entre os católicos, anarquistas, ativistas socialistas, liberalistas. Um período de revolução. O que sempre intrigou os historiadores é que os nomes dos autores não foram divulgados, quem sabia da tal bomba não dava os nomes. Os imigrantes católicos eram a favor dos padres. Deus, mais uma vez, mostrou que estava contente com seu servo que era fiel.

Enérgico e exigente era, todavia, compreensivo e dava-se totalmente ao próximo. Religioso austero, exigia de si e dos outros, tanto dos superiores como simples colegas, sacrifícios, conforme as circunstâncias que a vida ditava.

Sua piedade era sólida e profunda. Nada de extravagâncias. Combatia os *beatos e beatas* de dentro e de fora da Ordem! Era amigo dos estudos. Levava sempre consigo manuais de Dogmas, Moral, Direito e um ou outro volume da Revista Eclesiástica Brasileira, REB. Assim, estava alimentando sua própria piedade e alicerçando sua pastoral. Seu lema era: “Sentire cum Ecclesia”: “Sentir com a Igreja”. Nada de introduzir novas devoções durante as Missões. Bastavam-lhe a catolicidade do Credo, Dez Mandamentos, Sete Sacramentos e dava o “pão mais necessário aos fiéis”.

Conforme estas observações, suas práticas, “sermões” eram profundos e, diríamos quase que pesados demais para os ouvintes. Até chegar aos pontos práticos, desenvolvia o tema

com lógica férrea, e raciocínio perfeito. Entretanto, depois das explicações, alternava as fortes trovoadas, com admoestações, conselhos, súplicas ardentes, conforme os tempos e regiões...

Por seu temperamento, dá para perceber que existiam conflitos entre liberdade e obediência. Quem gosta de um freio para suas expansões? Seus trabalhos na “Cura d’almas” e nas construções estavam sob os impactos da liberdade e da obediência.

Em sua terra natal, completamente destruída e com a população gemendo sob a fome de após-guerra, temerariamente construiu uma capela. Foi em 1947. Como levou à realidade seu plano, ninguém o sabe. Falam mesmo que a Cúria não estava de acordo com o projeto, mas que tudo perdoou, pois o “*Missionário vinha de terras onde reina a mais ampla liberdade*”. Estava, assim, transplantando a noção de liberdade para um lugar que, durante muitos anos, estivera sob a férrea ditadura do nacional-socialismo. O povo agradecido escolheu como padroeiro da capelinha a São Modesto.

Espírito dinâmico idealizou e, de fato manteve por algum tempo a Congregação das Irmãs que deveriam ajudar os Vigários como domésticas e arrumadeiras das Matrizes. Eram as chamadas *Martas*, que tiveram curta existência.

Embora com certas falhas, Frei Modestino sabia unir os anseios de liberdade com a obediência. Ele gostava imensamente de viajar. Se tivesse toda a liberdade estaria sempre viajando. Conformava-se, todavia, à negativa do Superior.

Terminou sua peregrinação terrestre, chegando ao Porto da Eternidade. O guardião de Garnstock, Frei Egberto Prangenberg, nos escreveu sobre os últimos dias do finado confrade:

“Frei Modestino viajou a bordo de um cargueiro holandês que levou apenas três passageiros. Não havia médico a bordo. O coitado do confrade deve ter sofrido muito, como posso concluir das anotações em sua agenda, embora fosse tratado otimamente pelo comandante do navio. Somente uma vez, era festa de S. João, conseguiu celebrar a Santa Missa”. Lê-se na nota: *“celebrei a Missa às nove horas, mas custou bastante. Durante o dia repousei quase sempre na cama”*. Outras anotações se referem, diariamente, ao tempo, ao mar, ao estado de saúde e ao fato de não ter celebrado a Santa Missa. Chegou a Amsterdam no dia 5 de julho, pelas 11 horas. Sua irmã contou que, ao descer do navio, teve um desmaio. Ele mesmo não menciona o fato. O comandante do navio continuou cuidando dele e à tarde do mesmo dia, pelas 17 horas, chegou a Hauenhorst, perto de Rheine, onde morava uma sua irmã: “cheguei meio fraco”, anota esse gigante. No domingo, dia 8 de julho celebrou sua última Missa.

No dia seguinte, dirigiu-se ao Hospital de Emsdetten, para submeter-se a um exame médico. Verificou-se o diagnóstico médico: câncer no estômago. A operação foi feita no dia 20 de julho. Sendo impossível devido à idade avançada, a ablação do estômago, fez-se uma saída artificial.

A disposição de Deus era outra. No dia seguinte, uma fraqueza do coração, pôs fim a essa vida missionária tão rica de merecimento.

Frei Egberto Prangenberg escreveu: “Em Garnstock, só poucos dias antes do falecimento ficamos sabendo da chegada e da doença do caro confrade. Sendo tempo de férias, a metade de nossos padres, estava fora do Convento e eu não podia viajar imediatamente. Nosso Vigário do Convento, Frei Juliano Ste-

phan, que se encontrava em Muenster participando das primícias de Frei Sinforiano Hoelscher, logo se dirigiu a Emsdetten e esteve várias vezes com o doente, antes e depois da operação. Também Frei Plácido Rohlf e Frei Dídimo Strunk, tinham-no visitado. Achavam o confrade bem disposto, se bem que, muito enfraquecido”.

Antes da operação, Frei Modestino segredara à Irmã Franciscana que dele cuidara que era o fim. Com toda lucidez, recebeu a Irmã Morte acompanhando as orações quando o Decano de Emsdetten lhe administrou os últimos sacramentos. Pronta e generosamente entregou sua grande alma nas mãos do Criador. Quatro dias depois, Frei Modestino teve um enterro verdadeiramente franciscano.

A pedido da família, segundo relato de Frei Egberto Prangenberg, “nós concordamos que os restos mortais do confrade descansassem ao lado de seu irmão no cemitério de Doerenthe, perto de Ibbenbueren”. A missa de Réquiem foi celebrada por um primo do falecido, igualmente octogenário, e ainda vigário de uma grande Paróquia. Assistiram como Ministros, Frei Plácido Rohlf e Frei Juliano Stephan. O sermão fúnebre foi pronunciado por Frei Egberto Prangenberg, que teve como tema a Palavra da Escritura: *“Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, ficará infecundo; se, porém morrer, trará muito fruto”*.

Dez sacerdotes precederam o esquife, entre os quais, sete Franciscanos: ex-Ministro Provincial da Saxônia, Frei Bernoldo Juhlmann, e os Freis Plácido Rohlf, Frei Juliano Stephan, Frei Dídimo Strunk, Frei Odilon Stump, Frei Gamaliel Devigilli e Frei Egberto Prangenberg, que presidiu o enterro.

Frei Modestino acertou. Precisamente quatorze meses antes, por ocasião da Sagração Episcopal de Dom Quirino Schmitz em Gaspar/SC, ele me falou com tanta insistência que queria celebrar suas bodas de diamante na Europa e descansar em sua terra. As bodas festejou-as no Céu, a 21 de setembro, mas seu corpo está descansando, de uma carreira longa e penosa, na terra fértil de seus antepassados. Que ele descanse em Paz! Assim termina o relato de Frei Egberto Prangenberg.

Observação: Curiosa coincidência, é que Frei Modestino chegou no Brasil para começar sua missão no dia 4 de agosto de 1900. Irmã Amábile começou em Aquidaban, hoje Apiúna/SC, sua missão evangelizadora justamente no dia 4 de agosto, treze anos depois, levada por Frei Modestino.